

PERSPECTIVAS SOBRE O USO DA ANÁLISE DA ATIVIDADE NA TERAPIA OCUPACIONAL: UM ESTUDO COM PRECEPTORES*

Artigo Original

Perspectives on the use of activity analysis in Occupational Therapy: a study with preceptors

Perspectivas sobre el uso del análisis de actividades em Terapia Ocupacional: un estudio con preceptores

Resumo

As atividades, bem como sua análise, são ferramentas importantes para o terapeuta ocupacional. Tomando-as como instrumento, o profissional poderá favorecer ações para a experimentação, ensinar novas maneiras de fazer, estabelecer um elo entre o falar e o fazer, além de auxiliar na significação do que é e foi vivido pelo indivíduo. Objetivo: apresentar a percepção dos terapeutas ocupacionais quanto ao uso da análise da atividade na sua prática e a relação com o local de atuação. Método: Estudo quantitativo exploratório e descritivo, realizado através de questionário em meio eletrônico entre julho e agosto de 2018. Os dados coletados foram analisados através de frequência simples e categorias das falas dos participantes. Resultados: A amostra foi composta por 13 preceptores, na maioria mulheres, atuantes no campo da saúde. Todos os participantes relataram utilizar a análise da atividade com ou sem roteiro específico. A maioria utilizou a análise da atividade para planejamento da intervenção e individualização do atendimento. Os participantes também ressaltaram a importância da análise da atividade e sua influência no serviço de atuação. Conclusão: Para os terapeutas ocupacionais avaliados, a análise da atividade tem importância na sua prática profissional e seu uso tem relação ou influência nos serviços que atuam. Não houve uma única maneira de conceber e utilizar a análise da atividade, mas sim diferentes formas de enxergar e de proceder. Ressalta-se que neste estudo todos os participantes atuavam no campo da saúde, desta forma, os dados aqui apresentados podem ser reflexo deste campo de atuação.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Atividades; Atividades cotidianas; Preceptoría.

Abstract

Activities, as well as their analysis, are important tools for the occupational therapist. Taking them as an instrument, the professional can favor actions for experimentation, teach new ways of doing, establish a link between speaking and doing, in addition to helping in the meaning of what is and was experienced by the individual. Objective: to present the perception of occupational therapists regarding the use of activity analysis in their practice and the relationship with the place of practice. Method: Quantitative exploratory and descriptive study, carried out through a questionnaire in electronic media between July and August 2018. The data collected were analyzed through simple frequency and categories of the participants' statements. Results: The sample consisted of 13 preceptors, mostly women, working in the health field. All participants reported using the activity analysis with or without a specific script. Most used the activity analysis to plan the intervention and individualize care. Participants also stressed the importance of analyzing the activity and its influence on the service. Conclusion: For the occupational therapists evaluated, the analysis of the activity is important in their professional practice and its use has a relationship or influence on the services they work on. There was no single way to conceive and use the analysis of activity, but different ways of seeing and proceeding. It is noteworthy that in this study all participants worked in the field of health, thus, the data presented here may reflect this field of action.

Keywords: Occupational therapy; Activities; Activities of daily living; Preceptorship.

Resumen

Las actividades, así como su análisis, son herramientas importantes para el terapeuta ocupacional. Tomándolos como instrumento, el profesional puede favorecer acciones de experimentación, enseñar nuevas formas de hacer, establecer un vínculo entre hablar y hacer, además de ayudar en el significado de lo que es y fue experimentado por el individuo. Objetivo: presentar la percepción de los terapeutas ocupacionales sobre el uso del análisis de actividad en su práctica y la relación con el lugar de práctica. Método: Estudio cuantitativo, exploratorio y descriptivo, realizado a través de un cuestionario electrónico entre julio y agosto de 2018. Los datos recolectados fueron analizados mediante frecuencia simple y categorías de declaraciones de los participantes. Resultados: La muestra estuvo conformada por 13 preceptoras, en su mayoría mujeres, que trabajan en el campo de la salud. Todos los participantes informaron haber utilizado el análisis de actividad con o sin un guión específico. La mayoría utilizó el análisis de actividad para planificar la intervención e individualizar la atención. Los participantes también destacaron la importancia de analizar la actividad y su influencia en el servicio. Conclusión: Para los terapeutas ocupacionales evaluados, el análisis de la actividad es importante en su práctica profesional y su uso tiene relación o influencia en los servicios en los que trabajan. No había una única forma de concebir y utilizar el análisis de la actividad, sino diferentes formas de ver y de proceder. Es de destacar que en este estudio todos los participantes trabajaron en el campo de la salud, por lo que los datos aquí presentados pueden reflejar este campo de acción.

Palabras clave: Terapia ocupacional; Actividades; Actividades diarias; Preceptoría.

Jean Bendito Felix

Estudante do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0002-1329-2300>

Ana Carollyne Dantas de Lima

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, UFPB. João Pessoa, PB, Brasil.



<https://orcid.org/0000-0002-2735-4090>

1. INTRODUÇÃO

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO)¹ define a Terapia Ocupacional como uma profissão de nível superior voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos com diversas condições de saúde, por meio da utilização da atividade humana. O terapeuta ocupacional é o profissional habilitado para compreensão da relação entre a atividade humana, com múltiplos processos, e o homem, como um ser prático. Desse modo, o objetivo principal é alcançar uma melhor qualidade de vida no cotidiano do usuário comprometido em suas funções práticas.

Dito isso, existem na literatura diferentes perspectivas teórico-metodológicas sobre o uso do conceito do termo atividade na Terapia Ocupacional. Podem ser destacados os conceitos de autores que fazem menção ao termo, significado e uso, como o de Jô Benetton utilizado no Método da Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), no qual a atividade constitui a relação triádica junto com o sujeito e o terapeuta²; e o de Berenice Rosa Francisco, na apresentação das correntes metodológicas, em que são detalhadas quatro funções das atividades³.

Atualmente e nas mais diversas práticas em Terapia Ocupacional, convivem na literatura com o termo atividade variadas definições. As autoras Falcão e Guimarães (2004)⁴ apontam em seu estudo que os terapeutas ocupacionais têm tido dificuldades em classificar as atividades dado as diferentes denominações e significados atribuídos.

Apesar da existência de muitas discussões e classificações dos conceitos em torno das atividades na Terapia Ocupacional, o termo passou a ser utilizado, ocasionalmente, de forma isolada e, algumas vezes, ligado a palavras como: humana, lúdica, artística, criativa, cultural e de vida diária^{5, 6}.

No desenvolvimento da profissão de Terapia Ocupacional no Brasil, o conceito de atividade englobou principalmente questões do cotidiano. Assim, a atividade começa a ser descrita como promotora da relação entre o sujeito e seu cotidiano social, histórico e cultural⁷.

Nessa perspectiva, a partir do ano 2000, as atividades, para Jô Benetton, ganharam um status diferente, ao unir-se ao conceito de saúde e de cotidiano. Os espaços de saúde tornaram-se potentes para a ampliação das possibilidades do indivíduo fazer escolhas, reconhecer-se, e passar a se apropriar do que é seu, possibilitando construções (p.147)⁸.

Assim sendo:

atividades na Terapia Ocupacional são compreendidas por meio de diferentes concepções que, por sua vez, concebem os indivíduos e suas ações de forma singular, elas são gestadas e constituídas de acordo com momentos históricos, econômicos e políticos. (p. 75-76)⁹.

A atividade pode ser, portanto, uma das ferramentas singulares e importantes para o terapeuta ocupacional. Tomando-as como instrumento, o profissional realiza ações intencionais com a finalidade de "mobilizar para a experimentação, ensinar novas formas de fazer e ser, favorecer o estabelecimento de ligações entre o fazer e o falar do sujeito-alvo, e auxiliar no processo de significação do que é e foi vivido" (p. 146)⁸.

Dessa forma, o terapeuta ocupacional precisa conhecer as atividades, estudá-las, observar seus componentes, os movimentos, as habilidades, as capacidades envolvidas no fazer desta atividade e seus significados individuais. É neste sentido que, em Terapia Ocupacional, a análise da atividade pode construir a "forma como o terapeuta ocupacional poderá compreender o fazer humano e sua relação com a atividade". (p. 45)¹⁰.

De acordo com Guimarães e Falcão⁴, nos conteúdos específicos para a formação do terapeuta ocupacional preconizados nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e segundo a literatura, "a análise da atividade é realizada para a compreensão das atividades e dos significados atribuídos a elas" (p. 64)⁴.

A utilização da análise da atividade fornece ao profissional a capacidade necessária para observar o sujeito durante a execução das atividades propostas ou presentes em seu cotidiano. Ela possibilita o conhecimento detalhado da atividade a ser sugerida, a avaliação dos benefícios que podem resultar dela, o entendimento do seu funcionamento e a adaptação às necessidades específicas do indivíduo¹¹.

De acordo com alguns estudos sobre análise da atividade^{11,12}, o uso desta durante o processo de formação é de grande valia, e possibilita ao terapeuta ocupacional o desenvolvimento de um olhar diferenciado para o fazer e para as atividades. Os estudos apontam que embora existam roteiros de análise da atividade, muitos terapeutas ocupacionais não utilizam cotidianamente na clínica ou prática profissional, e que frequentemente a análise é dependente da área de especialização do terapeuta, modelo de referência ou preferência pessoal^{11,12}.

A partir da compreensão discorrida acima sobre a atividade e análise da atividade dentro do campo da Terapia Ocupacional e das vivências tidas no estágio curricular do curso, surgiu o interesse em saber qual a importância dada ao uso da análise da atividade na prática profissional dos terapeutas ocupacionais preceptores do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de acordo com o local e/ou serviço de atuação.

É importante destacar, contudo, que esse estudo não se propõe a fazer uma discussão aprofundada sobre as classificações e termos utilizados para definir a atividade em Terapia Ocupacional, visto que alguns estudos e leituras feitas apontam para o conceito de atividade como uma construção inacabada, colocada num contexto histórico, territorial e cultural¹³.

Assim, o objetivo deste estudo é apresentar a percepção de preceptores terapeutas ocupacionais quanto ao uso da análise da atividade na sua prática e a relação com o local de atuação profissional.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Desenho do estudo

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo de caráter quantitativo, que investigou o uso da análise da atividade pelos terapeutas ocupacionais no seu serviço de atuação.

2.2. Local de estudo

A pesquisa foi realizada com preceptores dos campos de estágio do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por intermédio do envio de um questionário autoaplicável por meio eletrônico. Ao todo são nove campos de estágio, divididos entre dois municípios de João Pessoa e Bayeux. Dois estão dentro da UFPB (Clínica Escola de Terapia Ocupacional e Hospital Universitário Lauro Wanderley); dois estão vinculados à Secretaria de Saúde do Município de João Pessoa (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSi) e Centro de Referência Municipal de Inclusão para Pessoa com Deficiência); um vinculado ao Estado Paraíba (Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD); uma Organização Não Governamental (Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha) e três vinculados ao município de Bayeux (CAPS Bayeux; CAPS II e Centro de Referência e Inclusão da Pessoa com Deficiência-CRIS) . Estes serviços contam com 18 terapeutas ocupacionais com vínculo de preceptoria com o curso de Terapia Ocupacional da UFPB.

2.3. População

Foram convidados a participar desta pesquisa todos os 18 terapeutas ocupacionais vinculados como preceptores de estágio do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, durante o período de coleta de dados (entre julho e agosto de 2018), que se enquadrassem nos critérios elegibilidade.

2.4. Critérios de elegibilidade

Critérios de Inclusão:

Fizeram parte da pesquisa terapeutas ocupacionais que estavam exercendo a função de preceptor de estágio, do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba durante a coleta de dados, e aceitaram participar do estudo.

Critérios de Exclusão:

Foram excluídos os terapeutas ocupacionais preceptores cujos vínculos profissionais estavam relacionados a atividades docentes ou que estivessem afastados por motivo de férias, licença ou atestado médico.

2.5. Instrumento de coleta de dados

Nesse estudo foi utilizado um questionário que constou com uma sessão de perguntas relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, com questões que contemplavam: nome, idade, crença, estado civil, gênero, dados educacionais e profissionais. E outra sessão, relacionada ao uso das análises da atividade no contexto profissional atual, contendo questões sobre vivências em disciplinas e/ou práticas que abordassem a análise da atividade, sua forma de utilização, importância e influência no seu local de atuação.

2.6. Operacionalização do estudo

O estudo seguiu as diretrizes e as normas regulamentadoras para as pesquisas que envolvem seres humanos estabelecidas na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley - HULW. Após apreciação e aprovação através do parecer número 2.726.943, foi realizado um levantamento junto à coordenação de estágio do curso de Terapia Ocupacional, quanto aos locais de estágio e dos

respectivos profissionais vinculados ao serviço. Estes foram contatados através de correio eletrônico para uma sensibilização inicial. Neste contato, foram explicados os objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios e realizado um convite para participar da coleta de dados. Após o aceite, foi enviado ao participante o questionário *on-line* e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) anexado. Foi estabelecido um prazo de 20 dias para a resposta, quando o participante não retornou dentro desse prazo, foi realizado o reenvio do questionário por meio eletrônico. Assim, foram realizadas três chamadas com envio de questionário.

Os dados coletados foram tabulados em arquivo Excel 2010 e analisados através de frequência simples. As respostas dadas em texto foram categorizadas e analisadas descritivamente de acordo com seus conteúdos ou semelhança. Para isso utilizou-se como referencial a técnica de análise temática proposta Minayo¹⁴, a qual é realizada em três fases: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados. Nesta técnica pretende-se “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado” (p. 316)¹⁴.

Feito isso, os dados foram dispostos conforme estas categorias analisadas: *Relato sobre análise da atividade* (disciplinas na graduação, utilização, forma de uso, influência no local de atuação); *Importância da análise da atividade* (planejamento de intervenção, execução do atendimento, evolução, individualização do atendimento e reconhecimento do recurso a ser utilizado); e *Influência do serviço no uso da análise da atividade* (exigência de planejamento, demanda populacional, autonomia da Terapia Ocupacional). Para garantir o anonimato dos participantes estes foram identificados por números atribuídos de acordo com a sequência de coleta.

3. RESULTADOS

A amostra foi composta, inicialmente, por 18 preceptores que estavam dentro dos critérios de elegibilidade. Destes, 5 preceptores não deram retorno dentro do tempo estabelecido para devolução dos questionários, sendo a amostra final composta por 13 preceptores. Algumas questões não foram respondidas por todos os participantes. Os dados coletados através do questionário foram dispostos em categorias como descrito anteriormente, e apresentados em tabelas, conforme demonstrado a seguir. Este estudo aponta que a maioria dos preceptores são do sexo feminino (n= 12), formados em

universidades públicas (n= 8) e possuindo apenas especialização como formação (n= 8). No presente estudo, também encontramos a titulação de mestre (n= 1) e doutor (n= 1).

Quanto aos locais de atuação de acordo com as respostas, pode ser observado que todos atuam em serviços de saúde. O tempo de atuação nesses serviços variam entre 9 meses a 10 anos. O público em geral atendido pelos preceptores é de crianças (n=4), adultos (n=2), idosos (n=2) e todas as faixas etárias (n=6).

Em relação ao uso e importância da Análise da Atividade no serviço, todos responderam que é importante e fazem o uso dela, porém não especificaram a utilização de roteiro e, todos tiveram momentos ou vivências sobre análise de atividade durante a graduação. A tabela 1 apresenta os dados sobre o uso da Análise de Atividade pelos preceptores participantes.

Tabela 1: Caracterização do uso da Análise da Atividade segundo os preceptores participantes. João Pessoa, 2018.

Categorias/Participantes	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13
Forma de uso	NR	NR	AV	NR	AV	NR	AV/ RE	AO	AV	RE	AO	AV	AV/ RE ou AO
Influência do local/serviço	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

NR = Nenhum roteiro; AV= Avaliações; AO= Análise observacional; RE= roteiro específico; S= sim;

A tabela 2 demonstra uma categorização de acordo com as falas de cada preceptor contidas nas respostas abertas do questionário. A maioria dos terapeutas ocupacionais apontaram que a importância da Análise da Atividade se dá devido à Individualização do atendimento, ao Planejamento da intervenção e ao Reconhecimento do recurso a ser utilizado.

Tabela 2: Categorização da importância da Análise da Atividade na prática segundo os preceptores participantes. João Pessoa, 2018.

Categorias/Participantes	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13
Planejamento da intervenção	-	X	X	X	-	-	-	-	X	-	X	X	-
Execução do atendimento	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-
Evolução	X	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Individualização do atendimento	X	-	-	-	X	X	X	-	X	-	-	-	-
Reconhecimento do recurso a ser utilizado	-	-	X	-	-	-	X	-	X	-	X	-	X

(-) Não apontado na fala do preceptor; x= apontado na fala do preceptor.

Em relação à questão relacionada à forma como o serviço influenciava o uso da Análise da Atividade, os resultados apontados de acordo com as colocações dos terapeutas ocupacionais, são apresentados na Tabela 3. Uma parte dos preceptores aponta que no seu local de atuação a influência no uso da Análise da Atividade é devido à exigência de planejamento (n=7) e à demanda da população atendida (n=6).

Tabela 3: Categorização da Influência do serviço no uso da Análise da Atividade segundo os preceptores participantes. João Pessoa, 2018.

Categorias/Participantes	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13
Exigência de planejamento	X	SR	X	-	-	-	X	X	X	X	X	SR	SR
Demanda populacional	-	SR	-	X	-	X	X	X	-	X	X	SR	SR
Autonomia da Terapia Ocupacional	-	SR	-	X	X	-	-	X	-	-	-	SR	SR

(-) Não apontado na fala do preceptor; x= apontado na fala do preceptor; SR= sem resposta para a questão.

4. DISCUSSÃO

A amostra constitui-se em sua maior parte de terapeutas ocupacionais do sexo feminino. Tal dado evidencia, de certo modo, o alinhamento com o percurso histórico do surgimento da profissão que sempre foi demarcado por mulheres. Os primeiros cursos e programas de Terapia Ocupacional foram conduzidos sob a tutela médica com o auxílio de enfermeiras e assistentes sociais, que em sua grande maioria transformavam-se em terapeutas ocupacionais (p.27)¹⁵. Segundo Magalhães¹⁶, as escolas de Terapia Ocupacional eram abertas somente a jovens refinadas e inteligentes. As mulheres, naquela época, eram selecionadas para exercer a função, pois suas características conotavam traços maternos, o que seria benéfico aos doentes em tratamento (p.27)¹⁵. É perceptível que historicamente as mulheres são responsáveis pelo cuidado e pelas atividades intrínsecas a ele, contudo, é importante que haja estudos que reflitam sobre quais são os motivos atuais que levam a presença majoritariamente feminina nos cursos de graduação em Terapia Ocupacional.

Quanto ao tipo de universidade onde os participantes foram formados, a amostra desse estudo aponta que mais da metade foi formada em universidades públicas. É importante refletir nesse ponto sobre as ofertas de curso de Terapia Ocupacional no Brasil. De acordo com estudo feito por Silva (p.341)¹⁷, percebe-se um crescimento do número de cursos em instituições públicas e uma diminuição em instituições privadas. Observa-se que esse crescimento é resultado de esforços das organizações

profissionais pela ampliação do número de graduações e do número de vagas nos cursos já existentes. Segundo Pan e Lopes (p.463)¹⁸, esse movimento de luta por ampliação foi a partir da adesão ao Programa REUNI, por meio do qual foram criadas 460 novas vagas públicas federais em novos cursos de graduação em Terapia Ocupacional no Brasil. O estudo aponta que embora tenha ocorrido esse crescimento, ainda é escasso o número de cursos de graduação nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, motivo pelo qual uma das lutas atualmente é fazer com que esses cursos se consolidem e se desenvolvam com qualidade¹⁸.

Dos participantes do estudo, 11 realizaram algum curso após a graduação, demonstrando, desse modo, interesse em se qualificar, aperfeiçoar e/ou atualizar. Há um predomínio de cursos *latu sensu* na amostra. Esse número pode ser justificado pelas opções restritas de cursos *strictu sensu* (mestrado e doutorado) específicos para terapeutas ocupacionais e por esses estarem voltados para formação acadêmica e não profissional, conforme apontam Guimarães e Falcão⁴ e Lopes et al.¹⁹.

Em relação à clientela atendida pelos preceptores, os terapeutas ocupacionais apontam mais atendimentos voltados ao público infantil. Talvez esse fato seja devido ao que apontam Gomes e Oliver (p 122)²⁰, que relatam que até o século XVII, as crianças não eram tão vistas como alvo de saúde e, conseqüentemente, não recebiam qualquer cuidado especial. Porém, com o avanço do conhecimento sobre a infância e sobre seu desenvolvimento em diversas áreas, tem sido possível superar essa lógica e, tem-se seguido uma maior dedicação, atenção à assistência e à proteção às crianças. Nesse sentido, a Terapia Ocupacional tem feito estudos em diferentes vertentes sobre o desenvolvimento infantil, sendo esta uma área que desenvolve importante trabalho na-construção para o desenvolvimento, autonomia e participação na vida social em diversas faixas etárias na infância²⁰.

É importante aqui caracterizar a população infantil que a Terapia Ocupacional tem acompanhado em seus serviços de intervenção, em especial, na cidade de João Pessoa. Muitos preceptores do presente estudo atendem uma grande demanda de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA. Matsukura e Soragni²¹, em uma revisão de literatura, evidenciam o crescimento do número de publicações e práticas sobre a temática tanto no Brasil quanto no exterior. Apontam-se neste estudo que existem poucas pesquisas de cunho epidemiológico sobre a situação do TEA no Brasil e, em especial, na cidade de João Pessoa. Entretanto, existem alguns dados indicando que no Brasil cerca de 2 milhões de habitantes são autistas. Dentre esse quantitativo, 300 mil aparecem só no Estado de São Paulo. Em 2010, os dados epidemiológicos mundiais estimavam 1 criança com TEA a cada 88 nascidas vivas, acometendo mais o sexo masculino (p. 32)²².

Observa-se neste estudo que a totalidade da amostra está inserida no campo da saúde. Algo muito frequente e histórico também na Terapia Ocupacional, como afirmam De Carlo e Bartalotti (p 19)¹⁵, pois desde o princípio caracterizou-se como uma profissão da área da saúde. Esses dados corroboram com a pesquisa feita por Guimarães e Falcão⁸ com preceptores da Universidade Federal de Pernambuco. Embora o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO²³ reconheça a atuação do terapeuta ocupacional no campo da educação, sob a resolução Nº 500 DE 26 DE DEZEMBRO DE 2018 e social, sob a resolução Nº 406 DE 07 DE NOVEMBRO DE 2011, a inserção deste profissional nessas áreas ainda é mínima, principalmente no estado da Paraíba. Esse fato pode estar relacionado ao pouco tempo de fundação do curso no estado e o número ainda reduzido de egressos inseridos no mercado local, somando-se ao fato de serem áreas ainda em expansão na Terapia Ocupacional.

Em relação ao estudo da análise da atividade, todos os preceptores afirmaram que o assunto foi abordado durante sua graduação e, em sua totalidade, também fazem uso desta em seu cotidiano profissional, corroborando com os estudos de Guimarães e Falcão⁴. A população do estudo em questão também aponta que a análise da atividade tem importância em sua prática e o uso desta influencia no local de atuação e/ou serviço. Essas afirmações ratificam o pensamento dos autores Stoffela e Nickelb (p. 619)²⁴, para quem “a análise da atividade são habilidades essenciais dos terapeutas ocupacionais, descritas entre os instrumentos legítimos da Terapia Ocupacional”.

Apesar dos profissionais indicarem uma importância sobre o uso da análise da atividade na sua prática, quando comparado aos achados em relação à forma de uso, é observado que muitos não utilizam roteiros específicos, o que necessariamente não é obrigatório na prática profissional. Esses dados corroboram com a literatura e estudos feitos por Guimarães e Falcão⁴; Vieira e Cazeiro¹¹; e Crepeau²⁵, que apontam que os roteiros de análise da atividade não são utilizados cotidianamente e que o processo de experiência da formação da aplicação da análise da atividade na graduação em Terapia Ocupacional é diferente da prática profissional. Isso pode estar associado ao ritmo de atendimento requerido nos serviços e ao tempo restrito que os profissionais têm para preenchimento dos roteiros, muitas vezes apresentados de forma complexa e detalhada.

Ainda em relação à forma de uso da análise da atividade, alguns dos participantes referem realizá-la de forma mais observacional, sem necessariamente seguir um roteiro estabelecido, o que é apontado por Crepeau (p. 121)²⁵, como sendo “um aspecto da prática clínica tão natural”. Entender a análise da atividade como algo importante em sua prática profissional é singular ao terapeuta ocupacional. Pode-se inferir que a análise de atividade tem a função de construir um dos meios como o

profissional poderá perceber e compreender o indivíduo executando uma atividade. Em contexto multiprofissional, por exemplo, onde muitas práticas se assemelham em um determinado objetivo comum, procurar delimitar o que é específico de cada núcleo de saber profissional e a sua possível contribuição na equipe é fator importante para identidade profissional. Alguns autores defendem que a análise da atividade é uma das habilidades singulares que o terapeuta ocupacional desenvolve ^{4,11,24,25}, pois ao realizar o estudo sobre a análise da atividade ele passa a compreender a atividade enquanto campo de conhecimento desenvolvido historicamente, mas também a análise da ação individual e singular de uma pessoa¹³.

Seis dos participantes apontam que usam a análise da atividade de forma avaliativa com seus pacientes. Desse modo, o terapeuta ocupacional se utiliza da análise da atividade para conhecer as atividades, os fatores envolvidos na sua realização, os instrumentos e etapas de cada atividade, as habilidades necessárias e as vivências de quem a realiza^{11,25}. Conceber a análise da atividade como forma avaliativa pode possibilitar ao terapeuta ocupacional definir a identificação real do problema vivido pelo paciente/cliente/usuário em questão. Pensar a análise da atividade desta maneira é uma forma também de refletir como o terapeuta conduzirá seu planejamento interventivo. O uso da experimentação da análise da atividade que ocorre na formação do terapeuta ocupacional e na prática possibilita o conhecimento detalhado da atividade a ser proposta, a avaliação dos benefícios que resultam dela, bem como o seu funcionamento e as adaptações que são necessárias ao sujeito assistido (p.143) ¹¹.

Quanto à categorização da importância atribuída à análise da atividade para os participantes p2, p3, p4, p9, p11 e p12, foi destacada sua importância relacionada ao planejamento de intervenção. A utilização da análise da atividade como um meio de planejamento é algo fundamental para o terapeuta ocupacional, pois possibilita ao mesmo identificar de que forma ele irá conduzir seus atendimentos. Pode-se inferir que realizar a análise da atividade de tal modo fornece ao terapeuta ocupacional uma linha de raciocínio a ser seguida. Neste sentido, para os autores Stoffela e Nickelb (p. 619) ²⁴, o profissional de Terapia Ocupacional realiza a análise da atividade para identificar demandas, avaliar padrões de movimento e considerar a influência de fatores pessoais e ambientais no desempenho. Desta forma, por meio da análise da atividade como elemento de planejamento em sua prática, o terapeuta ocupacional poderá realizar atividades com ações intencionais, mobilizando os indivíduos para a experimentação, ensinando novas formas de fazer e ser, e favorecendo o estabelecimento de ligações entre o fazer e o falar do indivíduo (p. 146) ⁸.

Nesta linha de raciocínio, quando comparado de que forma o uso da análise da atividade influencia no serviço, os participantes p1, p3, p7, p8, p9, p 10 e p11 apontam que seu uso é dado pela exigência de planejamento. Para p1 e p8 a importância da análise da atividade é dada pela necessidade de registrar a evolução dos indivíduos atendidos. Segundo Vieira e Cazeiro (p. 144)¹¹ o uso da análise da atividade fornece ao profissional a capacidade necessária para analisar o sujeito durante a execução das atividades propostas, sendo isto fundamental para a modificação da atividade ou reavaliação constante da evolução do paciente. De acordo com Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais (ABRATO) (p. 43)²⁶ o uso da análise da atividade pelo terapeuta ocupacional é importante, pois, sem ela não é "possível intervir sobre as atividades e utilizá-las como instrumento sem este conhecimento e prática", esta afirmação está em concordância com as concepções de uso dos participantes p3, p8 e p10, para os quais a análise da atividade está ligada a execução do atendimento²⁷.

Tomando essas duas categorias "evolução e execução do atendimento" e correlacionando-as com a categoria "demanda populacional", podemos observar que apenas o participante p8 se coloca em todas as categorias. Para ele as demandas do indivíduo caminham lado a lado com o processo pelo qual ele conduz sua intervenção, bem como a evolução da população que recebe sua assistência. Crepeau²⁵ afirma que uma das formas de se realizar a análise da atividade é com foco no indivíduo. Deste modo, a análise da atividade não se centra na atividade, mas sim, no cliente, levando em consideração os desejos, as habilidades, as limitações funcionais da pessoa e o contexto de desempenho, seja ele temporal ou ambiental ²⁵.

Nesse sentido, para os participantes p1, p5, p6, p7 e p9, a importância da análise da atividade se dá pela individualização do atendimento. Em Terapia Ocupacional a análise da atividade tem a função de construir a forma como o terapeuta poderá perceber o indivíduo executando uma atividade (p. 45)¹⁰. Em estudo feito por Vieira e Cazeiro (p. 144)¹¹, as autoras apontam que a análise da atividade deve ser feita em um contexto de realização de um dado sujeito específico, abarcando nessa análise os desejos e as características particulares do sujeito, bem como os fatores ambientais, territoriais e atitudinais com as quais o indivíduo e o terapeuta ocupacional interagem ¹¹.

Destaca-se que os participantes citados acima referem-se à individualização do atendimento, mas apenas os participantes p1, p7 e p9 a articulam com exigência de planejamento. Ainda sobre individualização do atendimento, Nascimento (p. 21)²⁷, referindo-se ao uso de atividades na prática profissional, afirma que existe uma direção a ser adotada, na qual a ação transformadora dos atores envolvidos (terapeuta e indivíduo) caminhe lado a lado em um processo colaborativo, conotando desse

modo uma individualização do atendimento. Aponta ainda que os terapeutas ocupacionais precisam superar o reducionismo que acompanha a ideia de que as atividades trazem em si propriedades ou tenham um caráter terapêutico.²⁷

Cabe refletir também que o fazer humano é o objeto da Terapia Ocupacional, e que para existir é necessário que alguém faça. Assim sendo, a ação está relacionada com este ser humano, que atua através de atividades, se faz conhecer, compreender e se expressar. Contemplar a análise da atividade provoca olhar para o que a atividade proporciona o que induz a perceber o indivíduo. A análise da atividade parece ser, portanto, mais um instrumento que leva a conhecê-lo (p 72)¹².

Os participantes p3, p7, p9, p11 e p13 destacam a importância do uso da análise da atividade por ela direcionar o recurso a ser utilizado. Todos os sujeitos citados fazem uso da análise da atividade de forma avaliativa, mas o participante p11 se utiliza da análise de forma observacional, sem necessariamente seguir um roteiro ou uma direção para tal uso. Ressalta-se que sua colocação quando comparada a outras categorias são de que a análise da atividade é importante porque o faz ter planejamento em suas intervenções. Dessa forma, para o terapeuta ocupacional conhecer as atividades e analisá-las, notar os componentes, as técnicas, os movimentos, as habilidades e as capacidades envolvidas, são importantes ferramentas para poder desenvolver uma atividade durante um atendimento específico e assim propor o recurso a ser utilizado (p. 143)¹¹.

Em relação à última categoria sobre a influência da análise da atividade no local de atuação, apenas os participantes p4, p5 e p8 assinalam a grande relevância para a autonomia da Terapia Ocupacional no serviço. Guimarães e Falcão (p. 64)⁴, por exemplo, afirmam que além de outras competências o que confere especificidade à formação do terapeuta ocupacional é o conhecimento das atividades e a experiência de analisá-las, elas partem do pressuposto da análise dos conteúdos das Diretrizes Curriculares e sobre estudos na literatura específica da Terapia Ocupacional. O significado de especificidade deve ser aqui entendido como algo peculiar ou próprio a profissão, e, conseqüentemente, implica em uma aptidão ou competência para gerir o uso da análise da atividade em sua prática profissional, ou seja, ter autonomia nos serviços. Nesse contexto, Magalhães (p. 258)²⁸ também aponta que os terapeutas ocupacionais são os profissionais que possuem qualificação específica no uso de instrumentos de medida e intervenção nas atividades, com a finalidade de facilitar a participação dos indivíduos em suas atividades da vida diária²⁸. Porém, essa questão não foi assinalada pelo restante dos participantes deste estudo.

Apesar de todos os participantes afirmarem fazer uso da análise da atividade em sua prática profissional, não foi possível medir aqui com qual frequência eles fazem o uso cotidianamente.

Ressalta-se a importância de outros estudos que abordem esses aspectos através de entrevistas que possam preencher as lacunas trazidas neste estudo. Por outro lado, é importante pontuar que na Terapia Ocupacional existem diversos modelos de análise da atividade, e que esses modelos inserem a atividade dentro de uma concepção de homem, saúde e sociedade (p. 45)¹⁰. Dessa maneira, diferentes formas de analisar uma atividade são também diferentes formas de ver o mundo (p. 152)²⁹.

Assim, ao olhar para um indivíduo realizando uma atividade, deve-se buscar enxergar a relação entre eles (atividade e indivíduo) e deles conosco (atividade, indivíduo e terapeuta). Quando olhamos para alguém realizando alguma atividade já estamos nos relacionando com ele (p. 46)¹⁰. Precisamos, portanto, transcender algumas visões, que muitas vezes são reducionistas, a quem realiza uma atividade, caminhando na direção de compreender de forma plena quem a realiza – como uma práxis social e política e, como manifestação cultural, ou seja, olhar as atividades através de uma lente de narrativas humanas que estão presentes em todos os tempos, contextos e dimensões e em toda sua diversidade (p. 10)³⁰.

5. CONCLUSÕES

Para os terapeutas ocupacionais a análise da atividade tem importância em sua atuação e seu uso tem relação ou influência no serviço de atuação. Pode-se observar que não existe uma única maneira de conceber e utilizar a análise da atividade pelos terapeutas ocupacionais, mas sim diferentes formas de enxergar e de proceder. Foi possível observar também que, quanto à importância da análise da atividade e sua relação com o serviço, independe do local onde o preceptor esteja atuando, a análise da atividade é importante em sua prática profissional e ela repercute na sua atuação cotidiana. Ressalta-se que neste estudo todos os participantes atuavam no campo da saúde, desta forma, os dados aqui apresentados podem ser reflexo deste campo de atuação. Assim, este estudo não se propõe a generalizar o uso da análise da atividade para os outros campos de atuação da Terapia Ocupacional. Por fim, podemos concluir que a percepção dos preceptores terapeutas ocupacionais quanto ao uso da análise da atividade na sua prática profissional é pessoal, sejam por vivências durante a sua graduação ou percurso formativo, ou ainda do local de sua prática atual.

Este estudo teve como limitações o uso de questionário por meio eletrônico, o que pode ter influenciado as respostas curtas e por vezes sem reflexões. Desta forma, sugerimos que estudos com objetivos semelhantes sejam realizados através de entrevistas presenciais. Sugerimos também estudos

que verifiquem o uso da análise da atividade por terapeutas ocupacionais nos campos sociais, da educação e cultura.

Referências

1. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (coffito). http://https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382
2. Benetton J; Marcolino TQ. As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. Cad Bras Ter Ocup São Carlos. São Carlos. 2013; 3 (21): 645-652. <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2013.067>.
3. Francisco BR. Terapia Ocupacional. 2ª ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2001. 95 p.
4. Falcão IV; Guimarães DSL. Análise de atividades e formação do terapeuta ocupacional: um estudo com os preceptores de estágio da UFPE. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. São Paulo. 2004; 2(15): 63-70. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i2p63-70>.
5. Galheigo SM. Perspectiva crítica y compleja de la Terapia Ocupacional: actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético político. TOG (A Coruña). [revista en Internet] 2012; 5: 176-189.
6. Feriotti ML. Construcción de la identidad profesional del terapeuta ocupacional en el marco epistemológico actual: una mirada particular desde Brasil. TOG (A Coruña) [revista en Internet]. 2017; 14 (25): 17-31.
7. Salles MM; Matsukura TS. O uso dos conceitos de ocupação e atividade na Terapia Ocupacional: uma revisão sistemática da literatura. Cad Bras Ter Ocup São Carlos. 2016; 24 (4): 801-810. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAR0525>.
8. Marcolino TQ; Fantinatti EN. A transformação na utilização e conceituação de atividades na obra de Jô Benetton. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2014; 25 (2): 142-50. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i2p142-50>.
9. Silva CR; Poellnitz JCV. Atividades na formação do terapeuta ocupacional. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015; 26 (1): 74-82. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i1p74-82>.
10. Lima EMF. A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2004; 15 (2): 42-8. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i2p42-48>.
11. Vieira SR; Cazeiro APM. Análise de jogos e brincadeiras para o contexto hospitalar. Rev Interinst Bras Ter Ocup Rio de Janeiro. 2017; 1 (2): 127-148. https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4639/pdf_1.

Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy

12. Rangel BR; Genetti CF; Garcia DB; Kato LG; Furlan PG; Vicentini VCR; Joaquim RHVT; Akashi LT. Conhecendo as concepções e as práticas de análise da atividade dos terapeutas ocupacionais. Cad Bras Ter Ocup São Carlos. 2003; 11 (1): 62-74.
<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/206/161>.
13. Lima EMF; Okumab DG; Pastorec MDN. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos. 2013; 21, (2): 243-254.
<http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.026>.
14. Minayo, MC de S. O desafio do conhecimento. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
15. De Carlo MMRP; Bartalotti CC. Caminhos da terapia ocupacional. In: Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. 1 ed. São Paulo: Plexus. 2001. p. 19-40.
16. Magalhães LV. Os terapeutas ocupacionais no Brasil: sob o signo da contradição [Dissertação]. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas; 1989.
17. Silva DB. A Terapia Ocupacional no Brasil na perspectiva sociológica [Tese]. Curitiba: Pós-graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná; 2017.
18. Pan LC; Lopes RE. Políticas de ensino superior e a graduação em Terapia Ocupacional nas Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil. Cad Bras Ter Ocup São Carlos. 2016; 24 (3): 457-468. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0704>.
19. Lopes RE; Malfitano APS; Oliver FC; Sfair SC; Medeiros TJ. Pesquisa em terapia ocupacional: apontamentos acerca dos caminhos acadêmicos no cenário nacional. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2010; 21 (3): 207-214. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v21i3p207-214>.
20. Gomes ML; Oliver FC. A prática da terapia ocupacional junto à população infantil: revisão bibliográfica do período de 1999 a 2009. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2010; 21 (2): 121-129. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v21i3p207-214>.
21. Matsukura TS; Soragni M. Terapia Ocupacional e autismo infantil: Identificando práticas de intervenção e pesquisas. Rev Baiana Ter Ocup. 2013; 2 (1):29-40.
22. Dias CCV. Mães de crianças autistas: sobrecarga do cuidador e representações sociais sobre o autismo [Dissertação]. João Pessoa: Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba; 2017.
23. Brasil. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (coffito). Resolução nº 406, de 7 de novembro de 2011; [acesso em 2020 jul. 25]. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=316>
Resolução nº 500, de 26 de dezembro de 2018. Disciplina a especialidade profissional Terapia Ocupacional nos Contextos Sociais e da Educação e Dá Outras Providências. [acesso em 2020 jul 25]. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>. Brasília; 2011.

Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy

24. Stoffela DP; Nickelb R. A utilização da atividade como ferramenta no processo de intervenção do terapeuta ocupacional em reabilitação neurológica. Cad Bras Ter Ocup São Carlos. 2013; 21 (3): 617-622. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.064>.
25. Crepeau EB. Análise de atividades: uma forma de refletir sobre o desempenho ocupacional. In: Willard & Spackman: terapia ocupacional. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002. p.121-133.
26. Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais (abrato). A terapia ocupacional e as atividades de vida diária, atividades instrumentais da vida diária e tecnologia assistiva. Fortaleza: ABRATO; 2011.
27. Nascimento BA. O mito da atividade terapêutica. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 1990; 1 (1): p.18-21.
28. Magalhães L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. Cad Bras Ter Ocup São Carlos. 2013; 21 (2): 255-263. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.027>.
29. Medeiros MH. Terapia ocupacional: um enfoque epistemológico e social. 1a ed. São Carlos: Hucitec/EdUFSCar; 2003.
30. Galheigo SM. Narrativas contemporâneas: significado, diversidade e contexto. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2009; 20, (1): 8-12. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i1p8-12>.

* Este estudo é parte integrante de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba.

Contribuição do autor e autora: **Jean Bendito Felix** foi responsável pela elaboração do texto, coleta, análise e interpretação dos dados. **Ana Carollyne Dantas de Lima** foi responsável pelas revisões do texto, análise e interpretação dos dados.

Submetido em: 10/06/2020

Aprovado em: 14/09/2020

Publicado em: 31/10/2020